

CONFERÊNCIA

ESTRATÉGIAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DA AUTO-LIBERAÇÃO

Charles E. Orser Jr.
Universidade de Vanderbilt

Nota Introdutória

Contexto da Conferência e Apresentação do Autor

Lúcio Menezes Ferreira
DAA/UFPel; Pesquisador do CNPq

Essa conferência de Charles E. Orser, Jr. foi proferida, no auditório da reitoria da UFPel, em 15 de agosto de 2013. O Prof. Orser esteve conosco para atuar no projeto de pesquisa *O Pampa Negro: arqueologia da escravidão na região meridional do Rio Grande do Sul (1780-1888)*, por mim coordenado. Sua vinda se deu graças ao edital Apoio a Pesquisador Visitante do CNPq (processo 452989/2013-2). Como se verá na conclusão da conferência, estamos, atualmente, elaborando uma proposta de colaboração internacional ligada ao projeto *O Pampa Negro*.

A obra do Prof. Orser é bem conhecida na arqueologia brasileira. Circulam entre nós, principalmente, seus artigos traduzidos em vernáculo, seu manual de arqueologia histórica e um de seus livros principais, hoje um clássico da área: *A*

Historical Archaeology of the Modern World (1996)¹. O Prof. Orser tem colaborado com a ciência brasileira há mais de duas décadas, tendo sido responsável por muitos êxitos da nossa Arqueologia no contexto internacional, em particular no que se refere ao estudo arqueológico do Quilombo dos Palmares².

Contudo, convém apresentar brevemente a obra do Prof. Orser para um público mais amplo. Tanto para situar o contexto hermenêutico da conferência, quanto para explicar o critério que adotei para traduzi-la. O Prof. Orser notabilizou-se em dois aspectos: como formulador da disciplina Arqueologia Histórica; e como estudioso das relações sociais e contatos culturais no mundo moderno. No primeiro caso, ao lado, por exemplo, de Mark Leone³, ele foi responsável por uma das mais consistentes discussões da Arqueologia Histórica como o estudo da cultura material do capitalismo moderno (1415 em diante). Esta perspectiva tem sido responsável, nas últimas duas décadas, por uma produção imensa e variada em todo o mundo, parte considerável dela inspirada nas propostas metodológicas e teóricas esmiuçadas por Orser. No segundo caso, sua vasta produção acadêmica dedicou-se à análise das relações sociais por meio da cultura material, das noções de escala global e da teoria de rede, com destaque, no contexto das Américas, para a cultura afro-americana das *plantations*. Também quanto a isso, Orser tornou-se grande referência mundial. Notadamente, no tocante às análises das *plantations* como dispositivos organizados sob critérios raciais⁴.

Essas duas dimensões da obra do Prof. Orser perpassam sua conferência. Ao traduzi-la, procurei manter seu estilo fluente e arejado. Numa palavra, à medida do possível, primei pelo tom original do texto, marcado pela coloquialidade e pelas inevitáveis figuras de linguagem. Acrescentei algumas notas ao longo do texto, para indicar algumas referências bibliográficas, sugerir leituras e esclarecer termos e conceitos.

¹ Cf. Charles Orser Jr. *Introdução à Arqueologia Histórica*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1992 (Tradução de Pedro Paulo Funari); *A Historical Archaeology of the Modern World*. New York and London: Plenum Press, 1996.

² Cf., p. ex: FUNARI, P. P.; Charles E. Orser, Jr. . Pesquisa arqueológica inicial em Palmares. *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v. 18, n.2, p. 53-69, 1992; FUNARI, P. P. A; Charles E. Orser, Jr.. Archaeology and slave resistance and rebellion. *World Archaeology*, v. 33, p. 61-72, 2001.

³ Para um artigo de síntese, Cf., p. ex, Mark Leone. A Historical Archaeology of Capitalism. *American Anthropology*, (97): 2, 251-268, 1995.

⁴ Cf. p. ex: ORSER JR., C. 1990. Archaeological approaches to New World plantation slavery. In: SCHIFFER, M. B. (ed.). *Archaeological Method and Theory*. Tucson: University of Arizona Press, Vol II, pp. 111-154.

CONFERÊNCIA

ESTRATÉGIAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DA AUTO-LIBERAÇÃO

Charles E. Orser Jr.

Universidade de Vanderbilt

Há vários anos, pesquisadores com diversas formações estudam o tema da liberação. Já antes dos anos 1960, vários antropólogos, historiadores e sociólogos estudaram notórias rebeliões camponesas e escravas, destacando-se, dentre outros, os proeminentes trabalhos de Aptheker, Tilly, Hobsbawm e Wolf. Mais recentemente, o foco dos estudiosos deslocou-se das grandes rebeliões para as mais nuançadas resistências cotidianas, as quais, agora, são largamente conhecidas como as “armas do fraco”⁵. Os antropólogos, especialmente, têm desempenhado um grande papel, detalhando as sutilezas das resistências cotidianas, sendo importantes exemplos os trabalhos etnográficos sobre as mulheres beduínas no Egito, sobre os camponeses em fazendas de laticínio na França e acerca das mulheres Shi’a no Paquistão. Em minha própria área de atuação, a arqueologia histórica, arqueólogos têm investigado as expressões materiais da resistência cotidiana, por exemplo, em fazendas escravagistas e entre imigrantes chineses, e estas pesquisas revelaram importantes achados. Talvez o mais evocativo tenha sido a descoberta dos *minkisi*, *caches* de

⁵ Referência à obra de James C. Scott. *The Weapons of the Weak: Everyday Forms of Peasant Resistance*. New Haven and London: Yale U. P., 1985.

espíritos, enterrados por homens e mulheres escravizados em casas da Costa Leste dos Estados Unidos⁶.



Figura 1 – Caches de Espíritos, ca. 1670

Mais recentemente, um pequeno grupo de arqueólogos começou a pesquisar as rebeliões de trabalhadores, como a greve do carvão e massacre

⁶ Essas palavras são oriundas da língua banto (*Minkisi* é plural de *Nkisi*), largamente falada na África Central. Liga-se ao tronco Congo-nigeriano e ao grupo étnico baongo (Cf. Robert Thompson. *Flash of the Spirits: african and afro-american art and philosophy*. New York: Vintage Books, 1983). Os *caches* de espíritos tem significado religioso. São arranjos de artefatos de uso ritual para o controle dos espíritos. O Prof. Orser, nessa passagem, faz referência aos caches de espíritos descobertos, geralmente abaixo das bases de chaminés, nos cantos das salas e próximos às portas de casas da Costa Leste dos Estados Unidos. Mais especificamente, ele evoca o trabalho de Mark Leone e Gladys-Marie Fry, os quais descrevem a composição artefactual desses caches: pregos, cacos de vidro, alfinetes, botões, contas de colar, moedas perfuradas, fragmentos de cerâmicas, dentre outros. Cf. Mark Leone e Gladys-Marie Fry. Spirit Management among Americans of African Descent. In: Charles Orser, Jr. (ed.). *Race and the Archaeology of Identity*. Salt Lake City: University of Utah Press, 2001, pp. 143-157. A composição artefactual dos caches é largamente descrita, também, por Christopher Fennel. Group Identity, Individual Creativity, and symbolic generation in a Bakongo Diaspora. *International Journal of Historical Archaeology*, (7): 1, 1-31, 2003. Caches de espíritos foram também encontrados no Brasil: Cf. Luis Cláudio Symanski. O Domínio da Tática: Práticas Religiosas de Origem Africana nos Engenhos de Chapada dos Guimarães (MT). *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, (1): 2, 7-36, 2007.

de Ludlow, no Colorado⁷, mas, de um modo geral, arqueólogos históricos demonstram consideravelmente menor interesse nessas rebeliões do que antropólogos culturais e outros estudiosos. Esse equívoco provavelmente reflete a natureza geralmente conservadora da arqueologia histórica e sua frequente perspectiva paroquial, mas, qualquer que seja a causa, penso que é possível desenvolver uma rigorosa abordagem para interpretar as relações entre materialidade e significado nos contextos de luta física em prol da auto-liberação. Minha perspectiva é que a arqueologia pós-colombiana tem uma função especialmente importante na investigação do impulso pela auto-liberação entre os povos dominados pelo colonialismo e imperialismo e na explicação das articulações entre rebelião e materialidade.

Na linha de minha idéia geral de criar uma arqueologia histórica verdadeiramente internacionalizada, gostaria de usar casos específicos de rebeliões para desenvolver uma melhor compreensão de suas expressões materiais num contexto global, transnacional, e perspectivas materiais sobre o que Piven e Cloward nomearam como “padrões de insurgência”. Minha expectativa é que possamos transcender o apelo para a análise de um único sítio, para uma mais difícil, e acho que ao final mais recompensadora, compreensão das várias ligações entre rebelião e consumo material, demonstrando-se como a cultura material é usada para criar coletividades de ação num mundo hostil.

Para iniciar essa tarefa, apresentarei dois casos de estudo específicos. Um desses exemplos, o setecentista quilombo dos Palmares, hoje situado em Alagoas, Brasil, será familiar à maioria de vocês, mas o segundo, focado no século XIX, numa comunidade de agricultores de Ballykilcline, no Condado de Roscommon, Irlanda, provavelmente lhes será desconhecido. Esses exemplos largamente diferentes fornecem um interessante ponto de partida

⁷ Referência ao trabalho desenvolvido por Randal MacGuirre. Cf., p. ex: Randal H. MacGuirre. A Arqueologia como Ação Política: o Projeto Guerra do Carvão do Colorado. In: FUNARI, Pedro Paulo; NEVES, Eduardo G; PODGORNÝ, Irina (orgs.). *Revista do MAE, Suplemento 3*, 1999, pp. 387-397.

para o desenvolvimento de uma rigorosa abordagem analítica para a arqueologia da auto-libertação.

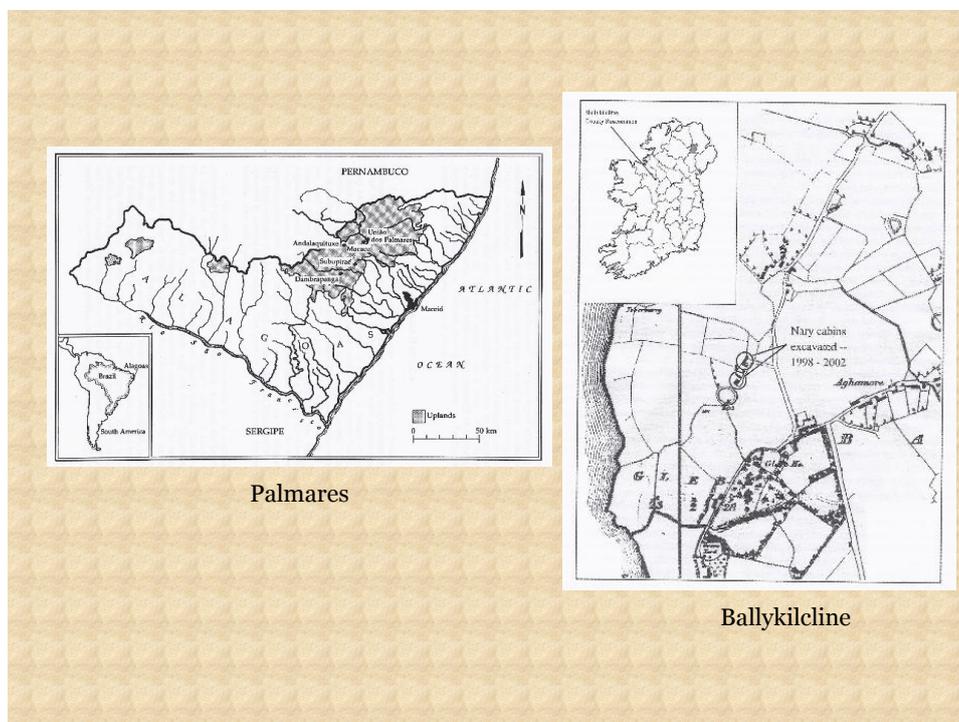


Figura 2 – Localização de Palmares e Ballykilcline.

O quilombo dos Palmares, localizado no Nordeste do Brasil, foi criado em torno de 1604 por africanos escravizados que fugiram dos engenhos de açúcar da costa em direção ao interior. Seus esforços para estabelecer um governo próprio no sertão brasileiro foi uma inequívoca afirmação de auto-libertação e um forte golpe contra a europeização de africanos no Novo Mundo. Os estudiosos discordam sobre a precisa organização sociopolítica de Palmares, classificando-a como “república”, “reino”, e mesmo como “estado”. Sabemos que Palmares consistia ao menos em 10 vilas separadas, porém interligadas, governadas por homens e mulheres dispostos numa hierarquia sob um único líder, o qual vivia no maior assentamento. Observadores europeus referem-se a esse líder como “Grande Senhor” e a sua vila como “Paliçada Real”; fornecem evidências que sugerem que a estrutura de liderança baseava-se no parentesco e na hereditariedade. Estima-se que, no

seu auge, a população total de Palmares perfazia entre 6 e 10 mil pessoas, e registrou-se que eles sobreviviam da horticultura, da domesticação de aves e da pesca (como se vivessem isolados...). Embora a validade dessa estimativa populacional deva ainda ser debatida, sabemos que Palmares era uma comunidade ampla e vibrante de distintas vilas, as quais, todos os dias de sua existência, desafiaram duas das maiores superpotências européias. Como resultado, tanto os holandeses quanto os portugueses trabalharam para destruir Palmares, com uma série de ataques e contra-ataques iniciados em 1640. Os portugueses, finalmente, tiveram sucesso em 1694, quando atacaram as vilas, assassinaram ou re-escravizaram seus moradores. Eles também capturaram e executaram a Zumbi, o último e mais reverenciado líder do quilombo. Como muitos de vocês indubitavelmente sabem, o nome de Zumbi continua a ressoar no Nordeste⁸.

A situação particular vivida em Ballykilcline, na Irlanda Central, foi muito diferente em seus detalhes históricos. Em seu auge, em 1840, a população de Ballykilcline tinha mais de 500 pessoas, que viviam como arrendatários de uma elite local, uma família de origem anglo-irlandesa. Eles plantavam batatas para seu consumo e cereais para pagar o arrendamento da terra, e muitos deles criavam uma vaca, um porco e possivelmente algumas galinhas. Até 1834, os proprietários de Ballykilcline eram os Mahon, uma família que vivia próximo ao Strokestown Park House, uma construção de estilo palladiano. Em 1834, contudo, quando eles não conseguiram negociar uma nova concessão, Ballykilcline foi revertida para a Coroa inglesa. Isso significou que a Princesa Vitória tornou-se a proprietária das terras. Três anos depois, obviamente, ela tornou-se a Rainha Vitória, a monarca mais poderosa do mundo. Compreendendo que ela estava em Londres e provavelmente muito ocupada para dar atenção a uma distante fazenda na Irlanda, o povo de Ballykilcline prontamente declarou uma greve

⁸ Para uma abordagem mais acessível do Prof. Orser sobre o quilombo dos Palmares, sugiro a leitura de uma tradução de um de seus artigos: Charles Orser, Jr. Rumo a uma Arqueologia Histórica Global: Um exemplo do Brasil. *Vestígios: Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, (6): 2, 185-215, 2012.

contra o arrendamento das terras. Porém, infelizmente para eles, os Comissários de Receita da Rainha *estavam* lhes dando atenção e começaram a enviar oficiais de justiça armados para coletar os aluguéis. Isso desencadeou uma batalha entre os arrendatários e as forças da Coroa, um conflito que durou 12 anos e incluiu assaltos armados, prisões, ações populares e a destruição das casas dos arrendatários. Finalmente, durante os anos sombrios da Grande Fome – entre 1847 e 1848 –, os oficiais de justiça expulsaram pela força todas as famílias de Ballykilcline e derrubaram suas casas. As famílias foram forçadas a caminhar até Dublin (cerca de 100 km) e lá embarcaram para os Estados Unidos, onde se dispersaram depois de chegar ao porto de Nova York.

Ora, o que nos impressiona imediatamente nesses dois exemplos é quão diferentes eles são.

A primeira diferença, obviamente, é temporal – Palmares é um quilombo do século XVII, enquanto Ballykilcline pertence ao século XIX; assim, eles estão separados por quase dois séculos.

Uma segunda diferença é que as pessoas em ambos os lugares combateram diferentes impérios – Palmares – o holandês e o português; Ballykilcline – o britânico; esses impérios tiveram diferentes histórias e tradições, e buscaram seus objetivos de maneira própria.

Em terceiro lugar, as rebeliões situaram-se em diferentes economias extrativistas – Palmares – baseada na escravidão; Ballykilcline – baseada no arrendamento.

Em quarto lugar, eles eram culturalmente distintos – Palmares – africanos desterrados; Ballykilcline – 100% irlandeses, nativos.

Finalmente, eles tiveram diferentes experiências com a liberdade – o povo de Palmares estava submetido ao cativo, à escravidão, enquanto os moradores de Ballykilcline, embora não escravizados, estavam sob um regime econômico de servidão.

Feitas essas distinções óbvias, aparentemente é impossível pensar esses lugares na mesma sentença. Ambos apresentam-se completamente

singulares, e aparentemente devem ser estudados nesses termos. Muitos arqueólogos históricos concordariam com isso, e essa asserção é perfeitamente convincente até certo ponto. É verdade que a análise intensiva de um sítio constitui o “pão com manteiga” de qualquer interpretação arqueológica séria. Eu não discordo desse pensamento racional. Mas, ao mesmo tempo, creio que ele pode incorrer no que David Harvey chamou de “a profundidade da fragmentação e da efemeridade”, da busca pelo ponto onde o minuto torna-se o único foco. A exclusividade na pequena escala torna menos provável que contribuamos para o conhecimento das muitas idéias, práticas e processos que se estendem para além dos discretos limites espaciais de um único sítio.

Um dos grandes paradoxos da arqueologia de hoje é que, enquanto a arqueologia histórica expande-se pelo globo em proporção inédita – sendo praticada, agora, em locais antes inimagináveis –, muitas pesquisas arqueológicas sobre os últimos 500 anos parecem se enraizar no particularismo. A razão disso, em parte, se relaciona à sobrepujante presença de uma arqueologia comercialmente fundada, pois muitos arqueólogos históricos atuam no setor privado. Ora, não há nada de inerentemente errado com este tipo de pesquisa, mas meu temor é que a arqueologia histórica seja trivializada e, assim, deixe de vivificar seu enorme potencial de busca antropológica plena que pode iluminar-nos sobre como nosso mundo contemporâneo tornou-se o que é.

Penso que um bom remédio para a profundidade da fragmentação é uma abordagem multiescalar, porque ela nos permite movimentar-se entre a análise de um sítio arqueológico específico e todos os mundos que existiam para além dele. Como eu escrevi anos atrás, os arqueólogos que pesquisam os últimos 500 anos devem “pensar globalmente e escavar localmente”⁹.

Eu uso dois modelos gerais para guiar minhas pesquisas. No primeiro, eu adoto a metáfora de um fotógrafo usando as lentes zoom macro e micro e emprego o termo “estrutura” para indicar as várias escalas de

⁹ Referência ao livro *A Historical Archaeology of the Modern World* (1996).

análise. Na estrutura micro, nosso fotógrafo, posicionando-se num campo de flores silvestres, pode focar uma única flor ou mesmo uma simples parte dela, mas, no momento seguinte, valendo-se dos recursos da lente zoom, pode fotografar todo o campo de flores. Pode, ainda, fazer uma série de fotos em ângulos diversos, e todas sem mudar sua posição no campo. As flores perdem sua individualidade nessa visão geral, mas o quadro geral do campo teria pouco conteúdo sem elas. As flores individuais criam a imagem do campo, mas como as vemos depende de nossa estrutura analítica. O mesmo é verdade para a análise arqueológica. Como e o quê nós interpretamos depende das estruturas que empregamos. Essa perspectiva compartilha semelhanças com a noção de tempo individual, social e geográfico de Braudel, em seus vários planos de análise, destacando-se o objetivo de usar múltiplas estruturas.

Ora, aqui não existe nada de terrivelmente novo. Arqueólogos têm usado análises multiescalares já há algum tempo, sendo exemplos bem conhecidos os estudos de Carole Crumley and Bill Marquardt sobre a paisagem da Borgonha. Ademais, penso que é importante explicitar o conceito de estrutura, se não por outra razão, para mantê-lo vivo na mente do pesquisador. E esse é um conceito sobre o qual os estudiosos continuam a pensar.

Por exemplo, um historiador islandês chamado Sigurdur Magnússon vem experimentando uma abordagem que ele conceitua como “a singularização da história”. Seu argumento é parecido ao meu, mas a partir de uma perspectiva da micro-história, e não da arqueologia. Assim como eu, ele propõe uma compreensão maleável entre o global e o local; trabalha para chegar ao global por meio do domínio do local, sem reificação do que ele chama de “pacotes ideológicos” de metanarrativas da modernidade. Ele enfatiza “que as metanarrativas devem ser examinadas nos termos e de acordo com as condições do próprio tema, e não a partir de perspectivas preconcebidas”. A multiescala permite-nos precisamente esse tipo de análise.

Meu segundo modelo combina o conceito de multiescala com a teoria de rede, a resiliência das articulações entre redes sociais através do tempo e do espaço, ou aquilo que eu chamo de redes “horizontal” e “vertical”¹⁰. Podemos divisá-las como uma série de níveis (darei três exemplos). Concebo as redes horizontais como sendo criadas no interior de uma mesma estrutura sócio-histórica: em Palmares elas situar-se-iam entre 1604 e 1694, em Ballykilcline entre 1800 e 1848. Contudo, outras estruturas são plenamente possíveis. Por exemplo, poderíamos analisar a escala estrutural do conflito aberto. Para Palmares esta seria os 50 anos entre 1640 e 1690, e para Ballykilcline esta seria os 14 anos entre 1834 e 1848. Mas, o ponto central é que o “contexto arqueológico”, de qualquer ângulo que optemos por observá-lo, constitui uma estrutura horizontal. As “redes verticais” são compostas por articulações que se estendem ao passado e ao futuro. Entendo que as ligações de rede de um sítio não terminam em suas fronteiras físicas – noutros termos, as imbricações de redes horizontais podem ser regionais, transnacionais ou, mesmo, transcontinentais. Assim, para Palmares, uma estrutura mínima seria a África, provavelmente em Angola. Uma das principais características da arqueologia inspirada na teoria de redes é que fronteiras pré-estabelecidas não existem; as análises devem ir para onde vão as relevantes redes sociais e materiais, e este é o argumento central de Magnússon.

Assim, se retornarmos ao primeiro modelo e considerarmos Palmares e Ballykilcline por meio da movimentação da análise multiescalar, começaremos a notar interessantes similaridades entre esses diferentes lugares.

Em primeiro lugar, tanto o povo de Palmares quanto o de Ballykilcline atuaram decisivamente pela auto-liberação. No caso de Palmares, buscou-se a completa remoção do regime escravagista; em Ballykilcline, a remoção do sistema de arrendamento; ambos os povos não

¹⁰ Recomendo, para uma visão sobre teoria de rede segundo o autor, a leitura de um artigo traduzido: Charles Orser, Jr. A Teoria de Rede e a Arqueologia Histórica Moderna. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP*, Suplemento 3: 87-101.

tinham nada a ganhar trabalhando no interior do sistema e somente praticando a auto-determinação poderiam remover-se de seus respectivos sistemas de exploração.

Em segundo lugar, ambos os grupos desafiaram o poder e a autoridade de grandes impérios; quando o fizeram, os impérios holandês, português e britânico eram vastamente poderosos e dispunham de tamanha força opressiva que poderiam (e eventualmente o fizeram) esmigalhar aqueles que ousassem se rebelar.

Em terceiro lugar, ambos os grupos eram distintos culturalmente e linguisticamente daqueles que os oprimiam; existem algumas evidências de que os líderes de Palmares falavam originalmente o banto, e as pessoas em Ballykilcline eram nativos falantes do gaélico, uma língua completamente diversa do inglês.

Em quarto lugar, embora a distância cultural entre eles e seus opressores os definissem como “outros”, sua remoção dos sistemas dos opressores – e ainda que a mesma fosse somente temporária – redefiniu suas alteridades; a visão dos opressores sobre os oprimidos firmou-se graças à extrema resistência de ambos os grupos; tal resistência reafirmou a visão dos opressores de que escravos africanos e arrendatários celtas eram tão desleais (ou desonestos) quanto eles acreditavam que fossem.

E, em quinto lugar, ambos os grupos estabeleceram redes horizontais que lhes permitiram viver num mundo hostil, conforme eles mantiveram laços cognitivos com suas antigas redes (através das tradições e costumes); ambos os grupos foram suficientemente experientes para criar redes viáveis de colaboração que lhes possibilitaram resistir aos vastos poderes imperiais da Europa.

Registros históricos indicam que os habitantes de Palmares mantiveram uma série de redes horizontais que os ligavam aos indígenas e aos colonos portugueses que viviam ao longo de suas fronteiras. A estrutura do poder colonial português percebeu como essas conexões horizontais ameaçavam seu império, e, em 1670, o Governador de Pernambuco estava

furioso com os colonos portugueses que passavam armas de fogo a Palmares. Dezesete anos depois, outro Governador ameaçou prender qualquer um, ainda que apenas suspeito, de dar suporte à comunidade palmarina, independentemente da posição social do transgressor ou de sua “condição de nobre”. Outros documentos afirmam que colonos europeus passavam a Palmares informações sobre ataques iminentes, algo que, certamente, as elites viam como alta traição. Aparentemente, colonos portugueses do mundo rural, ao menos aqueles que não estavam ligados às redes de poder da elite, buscavam suas próprias conexões com os indivíduos identificados como bandidos, tornando-se efetivamente o que posteriormente se chamou de “raça de traidores”.

Infelizmente, ainda não podemos estabelecer os modos concretos pelos quais o povo de Palmares usou a cultura material para criar uma coletividade rebelde. Durante nossas prospecções na Serra da Barriga, no local tido como o sítio então chamado de “Paliçada Real”, eu e Pedro Funari descobrimos 10 sítios, muitos dos quais continham cerâmicas vidradas (*tin-glazed earthenwares*) holandesas e portuguesas. A presença dessas louças consubstancia as narrativas históricas sobre a manutenção de contatos exteriores, mas fornece pouca informação concreta.

Mas, podemos obter novas pistas retornando a Ballykilcline. Uma visão comum entre os historiadores é que os arrendatários irlandeses, por serem “camponeses”, tinham pouca ou nenhuma cultura material. Por exemplo, quando Robert Scally, um historiador da Universidade de Nova York, publicou, em 1995, sua história de Ballykilcline, descreveu seus moradores como “esfarrapados, descalços e despenteados”, e disse que não possuíam nenhum objeto que não pudessem eles mesmos fabricar. Contudo, quando meus alunos e eu escavamos duas casas de Ballykilcline, descobrimos que ele estava completamente errado. Os dois sítios revelaram muitos objetos produzidos em massa, itens importados, muitos dos quais oriundos, provavelmente, da Grã-Bretanha.

Tessituras

Podemos ver, considerando-se apenas as cerâmicas, a variedade e a quantidade de materiais amealhados pelos arrendatários. Cada casa tinha uma grande quantidade de faianças finas, daquelas que eram feitas nas fábricas inglesas de Staffordshire e eram usadas ao redor do mundo. Ora, ao contrário de Palmares – sobre o qual dispomos somente de documentos históricos indicando a criação de uma complexa rede apoio –, todas as narrativas disponíveis sobre a Irlanda rural enfatizam o atraso e insularidade do campesinato irlandês. Segundo essa percepção, os arrendatários não teriam xícaras e pires de chá, pratos e travessas de jantar, e uma sopeira lhes seria completamente estranha. Eles comeriam suas refeições num alguidar de ferro comum, disposto no meio do chão; não se sentariam à mesa para tomar chá em xícaras azuis e brancas, decoradas com motivos de dragões, e tampouco comeriam em pratos de faiança fina – contudo, todos esses itens estavam presentes nas sete casas de arrendatários que escavamos na Irlanda, incluindo-se as duas de Ballykilcline.



Figura 3 – Louças Encontradas nas Casas dos Arrendatários de Ballykilcline

Esses artefatos demonstram, assim, que o povo de Ballykilcline – separados por mais de 200 anos e a milhares de quilômetros de Palmares – desenvolveram estratégias de sobrevivência similares, baseadas na confecção e manutenção de redes sociais horizontais. A complexa teia de conexões de rede auxiliou ambos os grupos a sobreviver em meio a um opressivo sistema de exploração. Essas redes facilitaram, comunicaram, e mesmo simbolizaram suas lutas.

O que me interessa como arqueólogo são as expressões materiais de rebeliões e como elas podem ser representadas em várias práticas e em diferentes contextos de rede. Como sabemos, não há dúvida de que os processos de resistência podem ser silenciados. É óbvio que os arrendatários de Ballykilcline propositadamente não melhoraram o aspecto exterior de suas casas, pois, se o fizessem, ou seus aluguéis e tributos aumentariam ou seriam substituídos por pessoas “mais apropriadas” – isto é, por famílias protestantes, não falantes do gaélico. Mas, exatamente como o povo de palmares, eles buscaram separar-se das estruturas de poder tanto quanto puderam, e, ao contrário dos palmaristas, não conseguiram remover-se fisicamente. De todo modo, ambos criaram relações de rede que se estenderam muito além de seus assentamentos, e algumas dessas ligações enraizaram-se na materialidade. No que se refere à Ballykilcline, se nos focarmos apenas nas cerâmicas, podemos dizer que suas redes de materialidade alcançaram as fábricas inglesas e centenas de casas na Inglaterra e nos Estados Unidos. E, se as cerâmicas setecentistas que encontramos na Serra da Barriga realmente estiverem associadas a Palmares, então podemos dizer que suas redes materiais se estenderam por todo o império português.

Em síntese, o que vemos na resistência ostensiva é a manipulação de redes de materialidade que têm consequências culturais significativas. A luta pelo poder se dá entre os dominantes – aqueles que desejam manter as articulações de dominação e opressão – e os dominados – aqueles que se esforçam para transformar a rede dominante criando novas conexões. As

transformações das redes sempre incluem componentes materiais significativos, os quais ainda são mal compreendidos. Em Palmares e Ballykilcline começamos a vislumbrar as conexões entre materialidade e rebelião, mas sua real compreensão permanece elusiva.

O que me conduz, assim, ao meu projeto de pesquisa atual, sobre os quilombos da porção Meridional do Rio Grande do Sul, situados em Pelotas e regiões adjacentes, os quais se relacionam às charqueadas locais. Estou, nesse momento, colaborando com o Dr. Lúcio Ferreira, da Universidade Federal de Pelotas, e com o Dr. Pedro Funari da UNICAMP. Sabemos da existência de, pelo menos, 12 diferentes áreas quilombolas. Esses sítios oferecem a possibilidade de investigar uma série de temas pertinentes, incluindo-se a materialidade da vida dos quilombos, as relações entre coletividade e consumo, e a entrada do mercado estrangeiro nesses sítios de contestação ostensiva.

Numa escala mais elementar, como as charqueadas são vastamente desconhecidas pelos arqueólogos, essa pesquisa fornecerá o material básico e a informação espacial sobre sua organização, a natureza de suas construções e dependências, bem como ideias sobre os vetores operativos da opressão e dos padrões de insurgência. Nessa escala elementar, deveremos desenvolver ideias sobre as relações de rede intra-sítios e avaliar suas características simétricas e assimétricas.

Os sítios mais recentes, relacionados ao período final da escravidão no Brasil, situar-se-ão no interior da Era de um capitalismo já plenamente formado. Deve ser relativamente fácil discernir a entrada do mercado nesses sítios e comparar suas coleções, contrastando-as, ainda, com outros sítios brasileiros e com sítios distantes do Brasil. Deveremos desenvolver ideias sobre as conexões de rede extra-sítio refletidas pela cultura material e começarmos a ver as diversas contextualizações dos objetos no interior dos quilombos.

No mais, possivelmente começaremos a desenvolver visões concretas sobre as redes sociais de rebelião e resistência que atravessaram os

quilombos. Não conseguimos fazê-lo em Palmares, ainda que esse tenha sido um de nossos primeiros objetivos. A riqueza das informações históricas sobre Ballykilcline, riqueza essa resultante da greve contra o arrendamento, tornou possível mapear os grupos combatentes ao longo do tempo e relacioná-los à sequência de eventos desencadeados durante o conflito. Penso que os quilombos em Pelotas e região ajudar-nos-ão a compreender a natureza da cooperação ao longo desses assentamentos como uma técnica de sustentação da rebelião face à sobrepujante força política, e a avaliar como os diferentes quilombos empregaram distintas estratégias de consumo para criar, manter, transformar e estabilizar suas coletividades.

Há grandes questões aqui, e estou muito animado com essa pesquisa. Estamos construindo uma equipe multidisciplinar formada por estudiosos brasileiros e americanos, e eu espero despertar, também, o interesse de estudantes de graduação por esse trabalho. Esse tema tão rico e com potencial quase ilimitado poderá levar-nos a uma compreensão mais aproximada das complexas inter-relações entre auto-liberação, opressão e consumo capitalista numa parte da plantation mundial que, até agora, tem recebido pouca atenção.